

Quinhentos anos de poluição

Angra quer tratamento do esgoto que deságua na Baía de Ilha Grande como presente de aniversário

Samuel Martins

LAVINIA PORTELLA

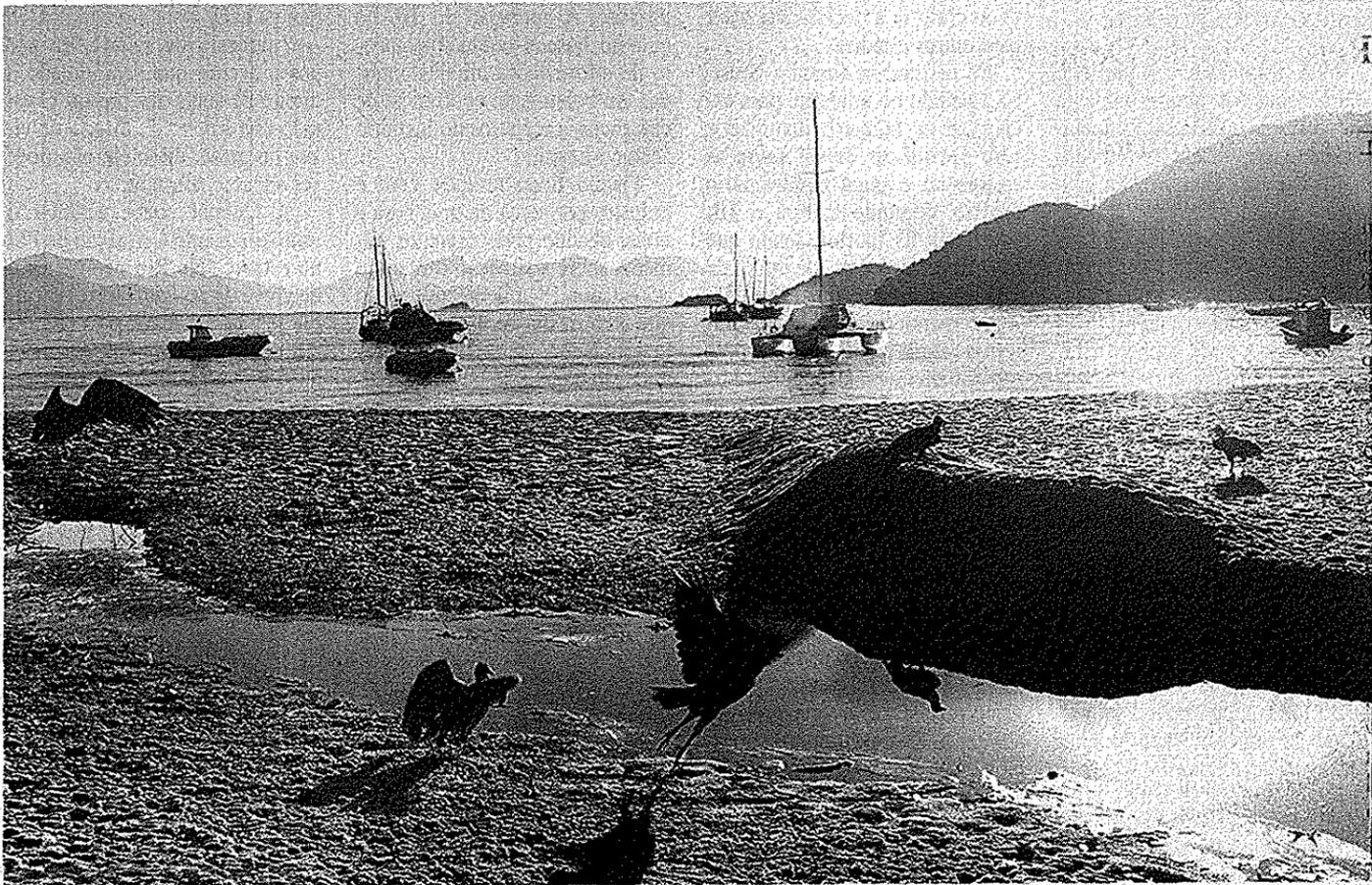
Ano que vem a Baía de Ilha Grande comemora 500 anos de descobrimento, banhada pelas conseqüências da civilização. As duas mil praias e 368 ilhas que desenharam o litoral sul do estado estão ameaçadas pelo lançamento de esgoto: apenas 30% dos 120 mil moradores do município são atendidos pela rede de esgotamento sanitário de Angra dos Reis, que abrange o arquipélago. E mesmo o pouco que passa por um sistema de tratamento chega às águas ainda com 30% de sua carga poluidora.

O município dispõe de quatro estações de tratamento – sendo que uma delas, a da Praia da Chácara, não funciona. Nelas, bactérias anaeróbicas digerem a matéria orgânica, reduzindo em 70% o potencial poluidor dos dejetos. Como a população não se distribui de maneira uniforme, Angra dos Reis ainda conta com sete fossas, que funcionam como soluções locais. Essas caixas coletoras de esgoto são mais eficientes que as estações, já que minimizam em 90% os efeitos poluidores do esgoto. As fossas, no entanto, contemplam apenas 10 mil moradores do município.

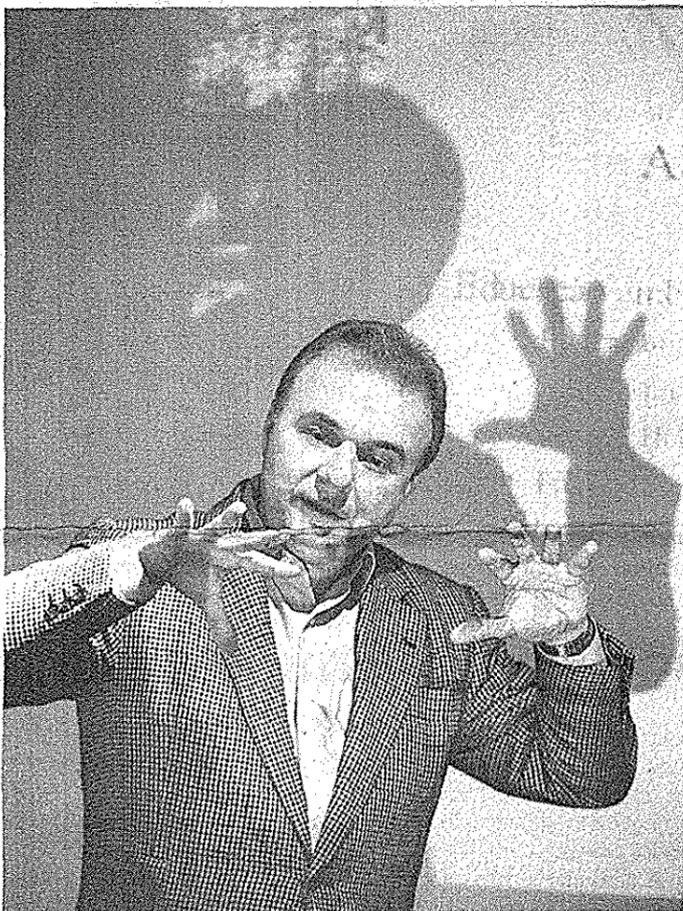
Flutuantes – A situação se agrava no verão, quando tanto continente quanto ilhas recebem pelo menos 72 mil visitantes. Sem contar a população flutuante de 60 mil moradores, que aproveitam o calor para desfrutar da casa de veraneio. “No pique de verão, o esgoto da região triplica”, disse César Bassi Costa, engenheiro da Coordenadoria de Saneamento de Angra dos Reis.

Em contrapartida, a única estação de tratamento de esgoto de Ilha Grande, em Abraão, tem capacidade para atender 7.500 moradores, o que corresponde a 95% do povoado. Lá, um emissário lança o esgoto com 30% de carga poluidora, a 900 metros da costa – luxo inexistente nas outras praias de Angra, onde o esgoto deságua diretamente na costa. Diante do quadro e da data que se aproxima, sobram propostas de despoluição da baía na mesa do prefeito de Angra, Fernando Jordão. Falta, no entanto, o fundamental: recursos.

Dos R\$ 40 milhões que precisa para realizar as obras de ampliação do sistema de esgotamento, limpeza dos rios e programas de educação ambiental, a prefeitura possui



Acabar com a língua negra que mancha a praia em Angra dos Reis é a prioridade nas comemorações dos 500 anos da cidade



Arthur Max

O prefeito Fernando Jordão busca recursos para as obras

apenas R\$ 1 milhão e esperanças. “O restante da quantia vamos buscar na iniciativa privada”, alegou Jordão, que pretende iniciar o trabalho pela despoluição do Rio do Choro, que corta o centro de Angra e pode ser considerado o maior poluidor da Baía de Ilha Grande.

Daqui a dois meses, será instalado na divisa do Choro com o mar um equipamento com pentes recolhedores do lixo sólido, que será despejado em uma caçamba, instalada ao lado da máquina. O projeto segue os moldes do implantado no Rio Tietê, em São Paulo. Outro projeto se refere à estação de tratamento da Praia da Chácara. Ela vai passar a receber o esgoto da periferia, após o fim das obras de ampliação que devem começar em 60 dias.

Pouco – Porém, mesmo os projetos da prefeitura não são suficientes para impedir que a poluição da Baía de Ilha Grande avance. Instalado o equipamento de coleta dos resíduos, a água do Rio Choro continuará poluindo as praias e parte do esgoto da população não deixará de ser lançado no mar após a ativação da estação da Praia da Chácara.

A limpeza da água do rio, pro-

jetada para ser feita 80 metros antes da divisa com o mar, não tem data prevista para começar. E a construção da estação de tratamento de Foz do Rio do Choro não está agendada. Apesar de fazer parte das metas da prefeitura para os próximos dois anos, o sistema de esgotamento da Praia da Chácara, depois de duplicada receberá matéria orgânica de 15 mil moradores, quando existem 50 mil na região. “Outros 35 mil habitantes vão continuar sem sistema de esgoto”, calculou César Bassi.

A prefeitura estuda a construção de outras estações, mas não sabe informar quantas seriam necessárias para resolver a situação. “Não há um sistema central de tratamento de esgoto”, acrescentou Rubem Dobler, secretário de Meio Ambiente e Planejamento de Angra. A solução definitiva do problema, no entanto, dependeria de mais obras. “Como a cidade é antiga, nem todas as casas são ligadas à rede coletora de esgoto. Pelo menos 60% dos dejetos de Angra escorre pelas galerias de águas pluviais”, explicou Bassi. “O esgoto é justamente o maior poluidor da baía”, concluiu Dobler.

Praias da Ilha sobrevivem ao lançamento de esgoto

Abençoadas pela mãe natureza, as praias de Ilha Grande, uma das principais atrações turísticas de Angra dos Reis, sobrevivem, pelo menos até agora, ao lançamento de esgoto no mar. “Elas estão em absolutas condições de balneabilidade”, atestou Paulo Pizão, vice-presidente da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), responsável pelo controle da qualidade das praias do Rio. Já as

praias localizadas no centro de Angra vêm sendo manchadas pelo crescimento populacional.

Ilha Grande, que conta com apenas uma estação de tratamento, em Abraão, adotou soluções caseiras para o problema do esgoto. “Grande parte das casas têm fossas”, explicou o vice-presidente da Feema. Nas caixas coletoras, os dejetos ficam armazenados até que a parte líquida seja absorvida pelo solo e, o resí-

duo pastoso, consumido por bactérias, se desfaça na terra. Como trata-se de matéria orgânica, não há danos ambientais.

No caso de Abraão, onde se concentra boa parte da população de Ilha Grande, Pizão recomenda não tomar banho próximo ao pier do povoado. “Como não posso assegurar que todas as casas têm fossas e na região há muita movimentação de embarcações, seria aconselhável não

mergulhar neste trecho”. Segundo o vice-presidente da Feema, os problemas da Baía de Ilha Grande não se comparam ao das baías de Guanabara e de Sepetiba. E nem vão chegar a esse ponto. “Já estão surgindo projetos de despoluição da região”, disse.

Enquanto a Baía de Guanabara sofre tanto com o despejo de esgoto quanto com o derramamento de lixo tóxico, a de Sepetiba sente basicamente as con-

seqüências da atividade industrial do entorno.

Para a Baía de Guanabara, existe um projeto em andamento, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pelo governo do Japão. Pelos cálculos da Feema, porém, ela só deverá estar em condições ideais dentro de 20 anos. Ontem, a Secretaria de Recursos Hídricos anunciou um projeto de despoluição da Baía de Sepetiba.